

Forças do Malawi apoiaram ataque dos BA's a Milange

26/12/86

por Benjamim Faduco, em Quelimane

O ataque dos bandidos armados da África do Sul à sede do distrito de Milange, na província da Zambézia, ocorrido no dia 29 de Setembro último, foi realizado com a cobertura das autoridades malawianas, que na véspera cederam viaturas aos criminosos para alcançarem Milange.

Os bandoleiros entraram em território moçambicano na noite anterior ao dia do ataque. Estes factos foram revelados ao «Notícias» por dois cidadãos moçambicanos que, depois de se refugiarem no Malawi, no dia do ataque, regressaram recentemente a Quelimane via Tete.

Trata-se de um membro da Brigada Distrital de Eleições e um funcionário da Administração de Milange, cujas identidades são emitidas neste trabalho. Um deles permaneceu no Malawi cerca de uma semana antes de regressar ao País, enquanto o outro ficou 30 dias no centro de recepção de moçambicanos refugiados de Milange.

O assalto à sede do distrito de Milange registou-se cerca das cinco horas de manhã do dia 29 de Setembro último. Era uma segunda-feira. Segundo um dos depoimentos, os bandidos armados invadiram a vila de Milange, penetrando pela zona sul, que fica mais próxima da fronteira comum do lado da Migração malawiana.

Quando começou o ataque refugié-me no monte Thumbine em território moçambicano. Foi daí que assisti a toda a sanha dos criminosos. Do lado do território malawiano via-se uma grande movimentação de viaturas, propriamente camiões militares, cobertas de lonas que se aproximavam e se afastavam da fronteira comum do lado do Malawi — disse um dos cidadãos moçambicanos ao «Notícias».

O mesmo cidadão, que presenciou o ataque à vila de Milange e que fazia parte da Brigada Distrital de Eleições disse que, quando alcançámos o território malawiano cerca da meia

noite do dia de ataque soubemos que os oficiais de migração malawiana e outros residentes da zona próxima da fronteira comum haviam evacuado as suas famílias no domingo, véspera do assalto a Milange.

Ele denunciou ainda o envolvimento de oficiais de Segurança do Malawi no aliciamento de refugiados moçambicanos para se integrarem nas fileiras dos bandidos armados.

O processo de aliciamento, segundo o nosso entrevistado, é feito, explorando as dificuldades materiais dos moçambicanos que, depois de espoliados de todos os seus bens pelos bandidos armados, procuram abrigo em território malawiano.

— Na noite, em que chegámos ao centro de recepção de todos os moçambicanos deslocados da sede do distrito de Milange, fomos vítimas de tentativas de aliciamento com promessa de emprego e bolsas de estudo — denunciou o mesmo cidadão, entrevistado pelo «Notícias».

Ele acrescentou que, na mesma noite, apareceu um grupo de quatro homens trajados à civil, em cujas camisas se podiam ver distintivos com a marca «C. D.» O grupo dos quatro homens, que se identificou como sendo «colaboradores da Segurança malawiana», escolheu de entre os refugiados um grupo de cerca de 30 jovens moçambicanos do sexo masculino para ir à «busca de lenha», já que no centro de recepção não havia agasalhos e fazia muito frio naquela noite. O centro era um descampado, situado num pântano próximo da fronteira comum com o nosso país.

Caminhámos cerca de duas horas em direcção à fronteira comum. Pediram a nossa identificação e ocu-

pacão anterior. Mas como fosse noite e alguns de nós não tivéssemos trazido documentos, fornecemos falsa identificação. No dia seguinte, voltou a aparecer o mesmo grupo mas já não conseguiu descobrir quem tinha fornecido identificação na noite anterior — disse.

O mesmo cidadão destacou que foi no regresso da lenha que os quatro homens começaram a convidar-nos a fixar residência no Malawi, dizendo que em Moçambique, não há paz, enquanto no Malawi podem trabalhar e estudar à vontade. Segundo o depoimento do nosso entrevistado, os quatro homens expressavam-se em inglês e em chitcheva e chegaram a fazer provocações grosseiras, tais como «quem é mais forte entre a Renamo e a Frelimo», ao que o nosso entrevistado respondeu laconicamente que não sabia, receando atizar os ânimos dos seus captores.

Aquele cidadão disse ainda que, depois do intenso tiroteio que cessou cerca das 13 horas do dia 29, tentou em vão regressar à vila de Milange.

— Tentei regressar à vila, porque fui iludido por canções semelhantes às nossas que eram entoadas pela população em poder dos bandoleiros — acrescentou.

Disse que já na encosta do monte Thumbine avistel uma enorme multidão de mulheres e crianças cercadas por homens armados e logo apercebi-me que não se tratava das nossas forças mas sim de bandidos que obrigavam a população, que não conseguiu fugir, a entoar as canções moçambicanas.

Depois de regressar de novo ao monte Thumbine cerca das 14 horas

do mesmo dia, o nosso entrevistado disse ter visto a arder as primeiras instalações e infra-estruturas da vila incendiadas pelos bandidos. Incendiaram primeiro o Gabinete de Eleições, as três fábricas de chá, estabelecimentos comerciais e as habitações das populações.

O mesmo cidadão disse ao «Notícias» ter atravessado a fronteira para o

território malawiano num grupo de quatro adultos e duas crianças.

— Alguns elementos da Segurança malawiana foram encontrados pelo caminho. Quiseram a'rar-nos ao rio Meloza que delimita Moçambique e o Malawi na fronteira comum. Só não lograram os seus desígnios mercê da intervenção de um dos elementos malawianos. A sua intervenção gerou mais tarde uma forte discussão entre eles — disse.